



Saberes da experiência no trabalho associado - Associação dos Recicladores de Dois Irmãos

Knowledge from experience in associative work - The Association of Recyclers of Dois Irmãos, RS, Brasil

Telmo Adams
smada@cpovo.net
Roque Spies
roque.spies@terra.com.br
Maria Odete Faustino Spies
roque.spies@terra.com.br
Jair José Gromoski
recicladoresdi@yahoo.com.br

Resumo: O artigo situa-se no bojo da compreensão de trabalho associado como uma das formas de reação ativa dentro do atual contexto de reestruturação do capitalismo. A experiência do trabalho associado oportuniza dinâmicas educativas construtoras de novos saberes que se mesclam com os saberes herdados, anteriores ao ingresso dos trabalhadores e trabalhadoras na Associação dos Recicladores de Dois Irmãos. Após trazer uma breve trajetória e caracterização do empreendimento, a equipe de elaboração se propôs a dar um passo para além da sistematização da experiência, buscando abrir leques para um aprofundamento teórico. O foco é saberes relacionados com o processo de autogestão, com o trabalho associado e com a questão ambiental. Os diversos autores e autoras de referência possibilitam um caminho aberto, valorizando algumas categorias que se enraízam na materialidade da vida, na relação dialética com a subjetividade humana.

Palavras-chave: autogestão, trabalho associado, saberes da experiência.

Abstract: The article discusses the understanding of associative work as one of the forms of active reaction in the present context of the restructuring of capitalism. The experience of associative work enables the emergence of educational dynamics that construct new forms of knowledge, which are mixed with the inherited knowledge that the workers had before they joined the Association of Recyclers of Dois Irmãos. After briefly describing the history and the characteristics of the undertaking, the authors try to go beyond the systematization of experience through a theoretical elaboration. They focus on knowledge related to the process of self-management, associative work and the environment. The authors of reference make it possible to value some categories that are rooted in the material dimension of life, in a dialectical relation with human subjectivity.

Key words: self-management, associative work, knowledge from experience.

Introdução

O presente texto é resultado de uma elaboração coletiva após a apresentação da experiência da Associação dos Recicladores na I Jornada de Estudos sobre Produção e Legitimação de Saberes no/do Trabalho, realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, nos dias 27 a 29 de março de 2006.

Para abordar o tema proposto, trazemos a reflexão sobre o trabalho como experiência individual e coletiva na Associação dos Recicladores de Dois Irmãos. Em primeiro lugar, após situar os leitores e leitoras sobre esse empreendimento solidário, buscamos abordar as características do grupo. Esse aspecto é fundamental na medida em que as trajetórias de vida que cada reciclador e recicladora trouxe para dentro da Associação apresentam uma relação direta com os resultados desses 11 anos de trabalho associado, seja nos avanços ou nos limites vividos no processo.

Em segundo lugar, como decorrência da caracterização anterior, a produção de novos saberes se dá sobre as bases de saberes anteriores. Pretendemos trazer nossa reflexão sobre como esses novos saberes foram se mesclando a partir de disposições constitutivas de um *ethos* cultural, o *habitus* interiorizado pelas condições sociais e culturais anteriores. Queremos, igualmente, mostrar que os diferentes saberes mobilizados no trabalho associado não eliminam os conflitos e contradições. Ou seja, os empreendimentos solidários e, da mesma forma, o movimento de economia solidária, não se colocam fora da tensão entre um cunho emancipador e, ao mesmo tempo, de dependência da lógica do capital. Em outras palavras, apesar de as organizações de trabalho associado serem também resulta-

dos dessa reestruturação produtiva e modelo de acumulação do capital, os trabalhadores e trabalhadoras aproveitam a “crise estrutural do emprego” para gerar iniciativas autogestionárias, em vista de uma nova cultura do trabalho, para uma outra economia. Quais são, nessa perspectiva, os principais sentidos do trabalho na Associação de Recicladores?

A construção do texto, nessa segunda parte, dá-se através de três passos didáticos que, na prática, são inseparáveis. Inicialmente trataremos o aspecto dos saberes relacionados à dimensão organizacional. Em segundo lugar, trataremos dos saberes mobilizados no processo de produção associada. E, por último, desenvolveremos a reflexão em torno da construção de saberes em relação à questão ambiental.

Algumas relações com autores do campo da economia solidária, trabalho e educação, da filosofia, sociologia e educação popular pretendem inserir nosso texto com a pesquisa e discussão teórica mais ampla. Nosso objetivo é clarear alguns caminhos para compreender melhor a dinâmica dos saberes mobilizados no trabalho associado para potencializá-lo como princípio educativo. Perguntamos em que medida se estabelece uma relação aprendente que repercute na vida social, política e cultural no município e região. E, por outro lado, como essa participação em outros espaços retorna e enriquece a experiência do trabalho na Associação.

Situando a Associação dos Recicladores de Dois Irmãos

O trabalho associado na reciclagem tornou-se uma porta para o mundo maior da ecologia e um meio concreto de luta por uma sociedade solidária e sustentável.

A cidade de Dois Irmãos, situada a 60 km de Porto Alegre, conta hoje com 29 mil habitantes e gera em torno de 14 mil quilos de lixo por dia, cerca de meio quilo por pessoa. Em torno de 70% dos habitantes separam seu lixo na cidade, após um trabalho de mais de 11 anos, quando foi instituída a coleta seletiva na cidade.

Em novembro de 1994, surgiu o trabalho associado de reciclagem na Usina de Dois Irmãos, com um grupo de cinco pessoas, sob a liderança de Roque e Odete Spies.¹ Atualmente, o grupo está constituído por cinco mulheres e 15 homens, que continuam se organizando de forma autogestionária. Entendemos por autogestão a participação igualitária na gestão do empreendimento e nos resultados do trabalho. A propriedade pertence à municipalidade, a não ser algumas máquinas e equipamentos que a Associação foi adquirindo.

Para mediar o contrato legal com o poder público municipal, a organização do processo de trabalho foi precedida pela criação de uma microempresa. Contudo, tal estrutura não impediu a prática dos princípios autogestionários do cooperativismo como a gestão democrática, a participação econômica igualitária segundo o tempo de trabalho, a autonomia da organização, o cultivo da formação humana e educação cooperativa, a articulação com redes de empreendimentos e Economia Popular Solidária e a relação ativa e educativa com a comunidade local (cf. Adams, 2005). Em vez da heterogestão, prática típica das empresas capitalistas, a autogestão torna empresas solidárias eficientes não somente no aspecto produtivo. Torna-as, também, “centros de integração democráticos, igualitários, que é o que os seus associados precisam” (Singer, 2002).

¹ Os detalhes da história dos primeiros 10 anos estão registrados no livro *Vivendo e reciclando* (Adams, 2005), cuja elaboração se deu dentro de um processo de educação/pesquisa, com a participação ativa dos sujeitos.

A partir de 1999, o referido empreendimento conta com uma estrutura legal de Associação e, para dar suporte legal na relação com o mercado, conta com uma empresa social na qual todos e todas são sócios/as.

Quanto à origem, o grupo foi constituído, num primeiro momento, por desempregados/as, subempregados/as e empregados/as em outras empresas. Do grupo atual, mais da metade oriundos dos municípios de Campina das Missões e Cândido Godói,² 16 recicladores e recicladoras trazem consigo a experiência de trabalho da agricultura, sendo que quatro deles vieram diretamente da roça para a reciclagem; duas pessoas foram empregadas por 30 dias e 8 meses, respectivamente. Mas a maioria passou pela experiência do trabalho como empregados na indústria. Nenhum dos recicladores ou recicladoras foi catador/a de rua, o que diferencia a tipologia desse grupo em relação a outras cooperativas ou associações na área da reciclagem. Igualmente não trazem experiência de trabalho associado anterior. Contudo, algumas pessoas atuavam em práticas sociais comunitárias, pastorais da Igreja Católica, movimentos sindicais e ambientais. O casal fundador do empreendimento acumulou experiências de engajamento social, pastoral e político, com destaque à participação ativa na organização de cooperativas populares em Novo Hamburgo.³

Predomina a descendência europeia,⁴ com presença de costumes da vida simples, dos hábitos do interior. Dezesesseis membros já vivem há mais de seis anos na cidade de Dois Irmãos.

Em relação à escolaridade, a grande maioria (12) não concluiu o primeiro grau. Constatamos que algumas pes-

soas cultivam o hábito regular de leitura e escrita, mas, em geral, restringem-se ao acompanhamento do jornal da cidade, algum programa de televisão e rádio. Uma pessoa está estudando à noite (na EJA) para concluir o 2º grau. Motivadas por diversos fatores, entre eles o da necessidade, 17 dos 20 associados/as estão fazendo um curso básico de informática.

Saberes mobilizados no trabalho associado

Saberes da organização autogestionária

Os saberes que têm a ver com a construção de um projeto de produção econômica solidária estão diretamente vinculados com os desafios de vivenciar relações horizontais, democráticas e participativas em toda dinâmica complexa que envolve a vida da Associação. Saberes de experiências anteriores – práticas sociais de tipo comunitário, de movimentos sociais e empreendimentos econômicos solidários – embasaram a opção por uma organização autogestionária de trabalhadores e trabalhadoras associados/as. A consciência de uma lógica exploradora injusta gerada pela ideologia capitalista possibilitou a gênese do trabalho associado na Usina de Reciclagem de Dois Irmãos. Em que medida essa trajetória sinaliza a possibilidade de relações solidárias de produção como experiência de uma cultura do trabalho, diferente da cultura capitalista?

A viabilização de tal projeto surgiu a partir de uma outra concepção de trabalho, diferente da divisão e oposição entre trabalho e capital que acon-

tece no modo de produção capitalista. Neste último, o elemento constitutivo é a contratação de trabalhadores empregados, a serviço dos donos do capital. Já a prática do trabalho associado exigiu uma forma organizacional diferente a partir de uma nova concepção de trabalho que, por sua vez, levou a novos modos de pensar, conhecer e sentir. A mudança da estrutura de produção capitalista para um modo de produzir associado e nova concepção de trabalho são dois fatores que andam juntos, numa relação dialética (cf. Kuenzer, 1995, p. 15 e 54).

Como a Associação dos Recicladores chegou ao estágio de uma gestão democrática, participativa enquanto empreendimento econômico solidário? Refletindo sobre a caminhada, percebemos que os saberes relacionados com a proposta de autogestão dos trabalhadores e trabalhadoras foram aportados por seus pioneiros, que trouxeram consigo experiências decisivas. Tais saberes surgiram dentro do processo de experiência humana que inclui a dimensão reflexiva de sujeitos que experimentam situações históricas, relações de interação e conflito, necessidades, interesses e esperanças. Conforme Célia R. Vendramini (2004), baseada em Edward Thompson, a experiência se caracteriza pela íntima relação entre realidade e pensamento. Esta compreensão se diferencia do marxismo estruturalista – no estilo de Althusser e seguidores –, que, reduzindo sua compreensão à “reprodução e produção no sentido restrito e exclusivo às ‘práticas econômicas de produção’, ocasionou uma disjunção entre o materialismo histórico e dialético [...] entre a esfera econômica e a subjetividade humana” (p. 26).

² Naturalidade: Campina das Missões (6), Cândido Godói (5), Humaitá (2), Rolante (1), Riozinho (1), Criciumal (1), Santa Catarina (2) e Paraná (1).

³ Roque e Odete atuaram alguns anos como agentes de pastoral da Igreja Católica num trabalho de base pela Caritas Diocesana de Novo Hamburgo. No período foram pioneiros na constituição da Cooperativa Fraternidade Popular de Produtores e Consumidores (COOFRATER), que atuava na produção e consumo de gêneros alimentícios e hoje está extinta, e da Cooperativa Habitacional Santo Afonso (COOBASA) da área da habitação e consumo.

⁴ Treze pessoas são descendentes de alemães, uma de poloneses; e seis mestiços.

No caso da Associação, a prática protagonista se deu com o envolvimento, motivado por um espírito utópico de busca, numa permanente tensão dialética entre a experiência individual e coletiva associando a vivência cotidiana e a realidade mais ampla. Ou seja, a intencionalidade sempre presente foi a de articular a perspectiva econômica com a busca de sentidos para suas vidas, sem fechar-se num “casulo” de um empreendimento bem-sucedido.

Em decorrência, os saberes da experiência levaram os associados e associadas a assumir o desafio de uma postura e vivência solidárias em todos os espaços da vida. Essa atitude de abertura esteve presente desde o início. Os pioneiros, que estavam “em movimento”, ao constituir a organização de recicladores/as continuaram em movimento até hoje. A “teia reprodutora” (Fischer, 2004, p. 149) oportunizada pela “inserção em uma série de mecanismos instituídos” como enquadramentos estruturais não retiraram das lideranças da Associação a dimensão protagonista. A opção não era simplesmente gerar qualquer trabalho e renda como mera adaptação às condições colocadas. A proposta foi, e continua sendo, a inserção ativa como sujeitos que também fazem história (Freire, 1996, p. 54), numa constante autocrítica mediada por tensões e aprendizados.

O lastro inicial desenvolveu-se cheio de contradições, sobretudo com os saberes de outras tantas experiências individuais trazidas pelos novos associados e associadas que ingressaram no decorrer desses anos. Mas o processo foi igualmente condicionado por fatores externos, enquanto condições objetivas: a) as relações com os gestores públicos locais e com o mercado, neste último caso, especificamente os compradores de materiais reciclados; b) as re-

lações que envolveram as redes de empreendimentos na área da reciclagem e o diversificado campo da economia solidária.

Os membros que ingressaram no andar do processo, por sua vez, já encontraram uma experiência grupal na qual se inseriram e que passaram a assumir. Nesse processo de trabalho associado um dos desafios foi o de valorizar os diferentes saberes da experiência. O fato é que a organização participativa contou sempre, mais ou menos, com as singularidades da subjetividade de cada reciclador e recicladora, com vistas a alcançar o melhor resultado econômico juntamente com a geração de sentidos realizadores nas relações do trabalho associado.

Como tais sentidos aparecem na prática da organização e gestão? Após 11 anos de existência, o grupo destacou os seguintes aspectos na sua missão: “exercer um bom trabalho para a humanidade, dando um destino correto ao lixo, reciclando, preservando e defendendo o meio ambiente, unindo a geração de trabalho e renda para uma vida digna, de forma associada, com qualidade ambiental, contribuindo na construção de um mundo melhor”.⁵ A consciência dessa “missão”, gradativamente incorporada, ao mesmo tempo em que expressa o atual momento da identidade grupal, contribui para potencializar o sentido coletivo do trabalho, com a maior ou menor co-responsabilidade de cada reciclador e recicladora. Estimula o sentimento de pertença à organização, consolidando ainda mais uma identidade coletiva. E, para além de uma identidade profissional, a dinâmica de interação externa que a Associação mantém com espaços e organizações locais e regionais tem levado um grupo crescente a se assumir como agente de educação ambiental. Evidentemente, todo esse processo não aconte-

ceu de forma linear ou com ausência de tensões e contradições.

Em síntese, a organização da Associação se sustentou em quatro pilares, conforme afirmação no livro *Vivendo e reciclando* (Adams, 2005, p. 56-57):

a) **O projeto ambiental** – “Não vimos somente separar materiais para vender e faturar um dinheirinho no fim do mês.” Trata-se da opção para ampliar uma consciência ambiental no ambiente do trabalho e na relação com a cidade. É um compromisso que visa ajudar na mudança dos hábitos da população, com atuação direta na comunidade através de atividades educativas junto a escolas e outros espaços. Propõe o gerenciamento integrado dos resíduos, onde a Associação assume um protagonismo destacado em diálogo constante, por vezes tenso, com os gestores do município.

b) **A construção de um projeto de economia solidária** – “Optamos pela vivência dos valores do associativismo e do cooperativismo como alternativa de trabalho e renda [...]” “Através desse trabalho podemos melhorar o mundo e nos tornar melhores como seres humanos.” Com a participação nos Fóruns de Economia Popular Solidária, os horizontes foram se alargando. A relação com outros grupos abriu a perspectiva da articulação em redes que possibilitaram assumir lutas e projetos comuns. Os aprendizados no Fórum Regional, Estadual e Nacional de Economia Solidária contribuíram para o fortalecimento da organização, nesses anos de existência. Sobretudo o Fórum das Associações e Cooperativas de Reciclagem do Vale dos Sinos tem se destacado como espaço de luta por políticas públicas nos municípios.

c) **O desenvolvimento da capacidade técnica e organizativa** – “Buscamos sempre maior conhecimento sobre materiais, técnicas de produção,

⁵ As idéias centrais da missão assim elaboradas surgiram do trabalho coletivo do grupo no Encontro de Formação do dia 8 de janeiro de 2006.

controles contábeis e processos de reciclagem nas indústrias.” O estudo das cadeias produtivas do papel, do vidro, do ferro, dos plásticos e outros materiais, tem sido fundamental para melhorar a qualidade dos produtos, o que resultou em boa colocação e melhores preços na comercialização.

d) Boa relação com os outros atores ou parceiros, a começar pelos gestores e servidores/as relacionados da Prefeitura de Dois Irmãos; compradores e empresas do ramo; organização de recicladores; universidades, escolas, organizações não-governamentais. Os diversos fóruns e conselhos municipais, especialmente o do meio ambiente (CMMA), o da saúde (CMS) e o da educação (CME), têm sido espaços políticos importantes para o fortalecimento / legitimação da Associação.

Nessas bases, fica clara uma concepção integrada da organização que não separa a dimensão econômica das outras. Pelo contrário, se trata de uma outra noção de economia voltada para as relações sociais de convivência, de satisfação das necessidades materiais e espirituais (cf. Tiriba, 2004 e 2006). É possível concluir com Lia Tiriba que, além da geração de renda, a Associação optou por uma organização que favorecesse o processo de formação humana enquanto socialização do saber, da cultura, enfim, da convivência solidária e comprometida social e politicamente.

Saberes do trabalho e relação com os aspectos políticos e sociais

Alguns saberes que mencionamos acima, além de terem contribuído para o fortalecimento da organização, também foram fundamentais na qualificação da produção nos seus aspectos profissionais e técnicos. Juntamente com isso, graças aos saberes da experiência do trabalho e da participação em outros espaços externos, a

Associação foi conquistando reconhecimento, respeitabilidade, enfim, poder político. Queremos trazer alguns elementos dessa trajetória.

Em **primeiro lugar**, consideramos que a grande marca do grupo é a cultura do trabalho. Em geral, os associados e associadas foram introduzidos/as desde crianças nessa experiência de trabalho e visão de mundo, contribuindo para o sustento da família na agricultora. Essa experiência incorporada marca profundamente os membros da Associação. É o que o sociólogo Pierre Bourdieu (Miceli, 1992, p. XL) chamou de *habitus*, “um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações [...]”. Trata-se de um saber, um comportamento social que estabelece o equilíbrio entre continuidade e mudança. A partir dessa visão é possível compreender a ambigüidade presente na cultura do trabalho dos recicladores e recicladoras. Essa ambigüidade se expressa pelas posturas ou atitudes de garra e gosto pelo trabalho: “topar qualquer parada”, “não escolher serviço”; “não ficar na moita”; “não precisar ser mandado”; “ter iniciativa e co-responsabilidade”; “o capricho de fazer bem feito”. Mas, de outro lado, há também a presença de situações contraditórias de pessoas dependentes, com pouca iniciativa e criatividade, que ainda não se libertaram da “cultura do patrão”, de “fazer só o que e quando é mandado”. Por estarem num empreendimento de economia solidária, não é automático que os trabalhadores e trabalhadoras superem as concepções capitalistas inculcadas no senso comum. Mesmo que diversos associados não tivessem longa experiência de trabalho assalariado, em maior ou menor grau, houve a incorporação da cultura das relações “chefe x empregado”. E a presença hegemônica da ideologia capi-

talista espalhou-se em todos os espaços, inclusive no meio rural.

Em **segundo lugar**, queremos destacar que, apesar das fragilidades, a coordenação da Associação buscou sempre contar com a melhor contribuição possível de cada membro. Cada qual era desafiado a se engajar no processo de produção solidária, colocando em comum os saberes aprendidos em outros espaços da vida. Na expressão de um associado aparece o sentimento de pertença coletiva: “Aqui temos um ajuntamento de conhecimentos onde cada um sabe alguma coisa!” E, na medida do possível, houve a valorização e respeito pelos saberes ou qualidades individuais na distribuição dos diferentes trabalhos. O grupo concluiu que, se a pessoa se sente bem em determinada tarefa, ela tem possibilidade de produzir melhor, com maior destreza. Isso favorece o aumento da co-responsabilidade, o espírito de autonomia e iniciativa. Assim se valorizava cada qual no que tinha de melhor para dar ao coletivo, respeitando, por outro lado, os limites físicos de cada membro. E todos/as se beneficiavam desse resultado.

Nessa dinâmica foram muitos os saberes construídos na atividade do próprio trabalho associado. Depoimentos como “o ambiente de trabalho tem sido uma escola para nós” confirmam isso. E, nessa linha, vale destacar que, além dos saberes relacionados à organização e gestão participativa, evidenciam-se os saberes técnicos da produção, administração, comercialização e jurídico-legais. Tais saberes instrumentais foram sendo desenvolvidos na relação com a dimensão do sentido ético e espiritual que o trabalho adquire nesse espaço. Paulo Freire (1996, p. 56) afirma que “a capacitação de mulheres e homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética”. É a preocupação sempre presente na gestão participativa e

democrática da Associação: a tentativa de avançar, com todo o grupo, no sentido de aproximar a concepção e a execução do trabalho, o planejamento e o seu desenvolvimento, a atividade de reciclagem e a administração – controles contábeis.⁶

Dai segue o **terceiro aspecto** do aprendizado. A experiência do trabalho de cooperação no espaço da produção está gerando novos saberes para o próprio espaço do trabalho, mas também para a vida familiar / comunitária e vida social / pública (espaço da reprodução). Aqui está uma questão-chave no processo de consolidação de empreendimentos econômicos solidários: “o entrelaçamento entre o mundo da produção e o mundo da reprodução” (Fischer e Ziebell, 2004, p. 71). A consciência do trabalho solidário pode se reproduzir na vida pessoal, nas relações com os vizinhos, no trânsito, escola, etc. E vice-versa, os saberes aprendidos e vividos em outras instâncias da vida podem se mesclar em novos saberes no espaço da produção. Por isso a prática da autogestão através do exercício de uma gestão participativa e democrática e as relações solidárias de trabalho têm se constituído em grande instrumento pedagógico com vistas a uma cultura do trabalho. De novo podemos sintonizar com Paulo Freire (1976, p. 92 e 93):

Se há saber que só se incorpora ao homem experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático. [...] Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação.

Embora um processo lento e cheio de contradições, com recuos e avanços, a Associação dos Recicladores apostou, e continua apostando, nesse caminho participativo. E um dos estímulos fortes tem sido a forma de distribuição dos resultados. A remuneração do trabalho é feita de igual valor por hora para todos e todas. A reciclagem exige do grupo muito trabalho. Há muitas tarefas que exigem grande esforço físico, causando grande desgaste e seqüelas para a saúde. Todos e todas assumem com seriedade o horário de trabalho. Assumem o *mutirão-empfeitada* enquanto simbiose entre esses dois sentidos da experiência da cultura popular. Mutirão refere-se à reciprocidade, doação, comensalidade e espírito de comunidade. A empfeitada tem o sentido de tarefa assumida onde há um compromisso mútuo (um contrato formal ou informal), dentro do espírito de racionalidade produtiva.

A partir dessa compreensão, definem conjuntamente estender o tempo de trabalho, quando necessário, para dar conta do volume de materiais acumulados. O *mutirão-empfeitada* designa o “casamento” entre o trabalho conjunto onde cada um dá o melhor de si para uma causa comum, com o assumir co-responsável de cada um e cada uma, para coletivamente dar conta da tarefa assumida; no caso, o serviço de reciclagem contratado com a Prefeitura Municipal.

Essa relação entre participação de todos e todas nos benefícios e responsabilidades tem contribuído para ampliar o senso de pertencimento ou a identidade coletiva, de sentir-se parte e co-responsável, resultando evidentemente na geração de novos saberes.

Ligado ao processo de produção levantamos ainda **um quarto aspecto**: a questão técnica. Mais uma vez a experiência anterior foi importante desde o início do empreendimento. Roque Spies, pela sua história anterior (cf. Adams, 2005, p. 13), teve uma participação decisiva na estrutura interna da usina de reciclagem, em vista da praticidade funcional do fluxo de materiais. Gradativamente, foi envolvendo os demais associados/as na busca de alternativas de equipamentos adequados. Contribuíam para isso visitas a outras experiências de usinas ou mesmo contatos com indústrias da área. A perspectiva sempre foi a de facilitar os serviços mais pesados e insalubres para agilizar o trabalho, qualificar os materiais, agregar valor, diminuir o tempo de trabalho, aumentar a produção e, assim, gerar mais resultados em benefício de todos e todas. Como já mencionamos, o resultado da maior produtividade sempre foi destinado para o conjunto. Diferentemente do modelo capitalista de produção – que expropria o conhecimento dos trabalhadores e trabalhadoras em vista da maior produtividade e cujo resultado fica para o proprietário da empresa (cf. Kuenzer, 1995, p. 47) – na produção associada, os saberes são postos a serviço do resultado coletivo.

Como o processo de separação de materiais recicláveis até a fase de beneficiamento da nova matéria-prima não exige maquinaria sofisticada, a Associação tem conseguido avançar no processo de agregação de valor através de máquinas que alguns de seus membros ajudaram a projetar. A lavagem e secagem do plástico e, com parte do material, o processo de granulação possibilitaram a venda direta às indústrias, eliminando os atraves-

⁶ Até o momento, não há nenhum/a associado/a que atue exclusivamente com processos administrativos, comercialização e controles. Há uma pessoa referencial, mas gradativamente mais membros, especialmente da coordenação (seis pessoas), procuram ir assumindo compromissos relacionados a essa questão sem se afastar do processo de produção. Falamos aqui da pesagem de caminhões, anotações das quantidades comercializadas, os encaminhamentos necessários no decorrer do trabalho, sobretudo a partir de imprevistos, etc. A contabilidade oficial é feita por uma empresa do ramo contratada pela Associação.

sadores. Além disso, a boa qualidade conquistada na separação de materiais, diminuindo ao máximo as misturas, tem facilitado a comercialização junto ao instável e dependente mercado dos recicláveis.⁷ Esses e outros fatores contribuíram para uma remuneração relativamente estável, resultando em menor rotatividade do grupo, o que, por sua vez, proporcionou um desempenho técnico progressivo.

Saberes ambientais: em busca de um outro desenvolvimento

Aqui estamos nos referindo aos saberes ligados às questões ambiental, educativa, comunicativa, bem como os mobilizados no processo de participação política em instituições municipais e espaços mais amplos da sociedade que tem íntima relação com um desenvolvimento local e regional sustentável. Entendem as lideranças da Associação que o atual padrão de produção e consumo promovido pela lógica capitalista se mostra radicalmente insustentável. Por isso, o seu projeto é lutar, enquanto for tempo, por um modelo de vida individual e social com respeito, cuidado e relação solidária com todos os seres existentes.

Como os membros da Associação se colocam frente a esses saberes e desafios decorrentes? Na compreensão da questão ambiental, por exemplo, o *habitus* dos associados e associadas aparece com elementos da contradição entre o espírito de “exploração da natureza” e da “convivência ou sintonia com o meio ambiente”. O espírito explorador se manifesta pela idéia de que os bens da natureza – a terra, a água, as árvores, os animais... – são coisas que se pode usar, tirar o que serve, eliminar o que “estorva”, segundo critério de cada

indivíduo. Embora todos e todas gostem do verde, da água fresca e pura, da terra fértil, da paisagem bela, etc., a partir da época da “revolução verde” a visão depredadora e exploradora, estimulada pela política governamental, tomou conta dos rincões e das consciências; inclusive na pequena produção rural. A “revolução verde” caracteriza-se pelo período do produtivismo agrícola para a exportação da soja, especialmente a partir dos anos 1970, cujo resultado foi a devastação das matas, a forte mecanização para a monocultura da soja. Tal política governamental modificou completamente a forma de utilização do solo e a relação com a natureza. A visão exploradora e de “progresso” econômico subjacente a esta concepção faz parte das heranças culturais do grupo de recicladores e se constitui num desafio para avançar para uma outra concepção de convivência, de cuidado com a natureza.

A avaliação grupal e a reflexão sobre tensões, em reuniões regulares ou encontros de formação, fizeram parte do processo educativo em busca de uma cultura do trabalho associado que difere da cultura do trabalho assalariado (ou cultura do capital). Com o lema “**ajudando a proteger a natureza**”, a partir do estímulo da experiência coletiva, as pessoas estão mudando seus conceitos, valores e práticas. Estão mesclando saberes contraditórios herdados com o “filtro” de novos critérios que busca enxertar novas concepções e práticas sobre essa “matriz” de origem. Contribuíram aqui também elementos simbólicos e de sonhos ou esperanças (talvez objetivos) de um paradigma do cuidado, coerente com uma cultura do trabalho associado.

Recorremos, neste ponto, à reflexão de Leonardo Boff (1999, p. 39) a

partir da qual poderíamos associar esses valores e práticas a um “**ethos do cuidado**”. Trata-se de um “conjunto de valores, princípios e inspirações que conformarão o *habitat* comum e a nova sociedade nascente”. Junto com a produção associada, o *ethos* do cuidado expressa o projeto político e cultural (ecológico) em torno do qual caminha o processo educativo mediado pela experiência do trabalho conjunto no atual momento da Associação de Recicladores. O *ethos* do cuidado se mescla com os objetivos da organização autogestionária onde os saberes estimulam e realizam práticas de relações econômicas de (com) partilha, comensalidade, de reciprocidade, de doação, de cooperação e de mutirão. Mesmo que estejamos imersos em relações determinadas pelas regras da lógica do ciclo de produção capitalista, não acreditamos que nossa passagem pelo mundo seja predestinada, preestabelecida (Freire, 1996, p. 53).

Essas práticas acontecem em nível local e buscam se fortalecer através de redes e inclusive pela efetivação de políticas públicas em alguns municípios, estados e mesmo em nível de governo federal. A reciclagem tornou-se uma porta para o mundo maior da ecologia, um meio de luta por uma sociedade solidária e sustentável.

Após alguns anos de saberes aprendidos na participação crítica e propositiva que a Associação sempre procurou ter em espaços externos, ampliou-se o número de associados que se tornaram efetivos educadores e educadoras, como já referimos acima. Isso se verifica na prática cotidiana ao evitar a poluição do ar, da água, as queimadas, derrubadas de árvores, o cuidado com os recipientes de veneno e outros objetos al-

⁷ No II Encontro de Recicladores com Gestores Públicos do Vale do Sinos, o representante da Cooperativa de Recicladores COLABORE de Campo Bom, Paulo Bohn, expôs a conjuntura do atual mercado dos recicláveis, que se encontra em crise porque, em função da cotação do dólar (em torno de R\$ 2,10), forçou a baixa dos preços dos compradores e indústrias de reciclados. Nesse momento, eles estariam conseguindo matéria-prima “virgem” a menor custo do que os reciclados.

tamente poluentes enviados pelo “lixo”. Outra confirmação do assumir gradativo da cultura ambiental dá-se no diálogo com os grupos de visitantes que vêm conhecer o trabalho. Foram centenas de grupos, alunos, escolas, pessoas de outras organizações e grupos comunitários que acorreram e certamente saíram da Usina diferentes do que entraram ao ver o trabalho e dialogar com os recicladores e recicladoras.

Assim também a participação de representantes da Associação nos Conselhos do Meio Ambiente e da Saúde do Município, a animação do Fórum Lixo e Cidadania da Cidade, a presença dinamizadora nos Fóruns de Economia Solidária e articulação das Associações e Cooperativas de reciclagem do Vale dos Sinos etc. têm sido espaços fundamentais na caminhada. Mas, sobretudo, a presença educativa nos diversos espaços da cidade foi um compromisso assumido com um espírito de gratuidade decorrente da opção pela causa ambiental. De outro lado, reconhecem que se tratou de um investimento que retornou positivamente, por exemplo, na qualidade da separação dos materiais, no apoio que a Associação tem recebido pelo trabalho da reciclagem e educação ambiental. Além de divulgar a organização e o trabalho da Associação, tal intervenção ampliou sua legitimidade, reconhecimento e, em última análise, garantiu a sua sustentabilidade.

Finalizando esta sistematização reflexiva sobre a experiência da Associação dos Recicladores de Dois Irmãos, levantamos alguns desafios, algumas preocupações ou contradições na atual fase da caminhada.

Na questão política, um dos aspectos mais preocupantes na relação com o poder público municipal tem a ver com a lei das licitações. Esta se orienta por critérios quantitativos. A escolha do prestador de serviço é feita a partir da oferta do menor custo para

os cofres públicos. Em consequência, facilmente uma organização que, na prática, é muito mais do que uma empresa contratada para realizar determinado serviço público pode ser descartada. Consideramos que a Associação se constitui num dos reais e potenciais instrumentos para tornar Dois Irmãos uma *cidade educadora*, cujo objetivo é contribuir na formação dos cidadãos em torno dos direitos e obrigações com respeito à sociedade, em vista de uma ação participativa e transformadora desta (Cabezudo, 2004, p. 13). E, no fim de cada contrato, frente a uma nova licitação ronda o risco da descontinuidade de um projeto de reciclagem e educação ambiental que se tornou referência no Estado do Rio Grande do Sul.

Com relação aos desafios, destacamos a proposta do grupo de ampliar gradativamente o processo de beneficiamento dos materiais reciclados para chegar ao produto final. A meta é chegar à industrialização e produção de bens acabados para oferecer ao mercado. Mas para isso é preciso enfrentar a questão técnica: com quem contar para obter máquinas e processos adaptados às necessidades? Junto com isso vem a conquista de crédito para subsidiar investimentos de maior envergadura. Tais perspectivas desafiam a criatividade e a participação de todos e todas.

Frente a essas e outras questões, considerando a baixa escolaridade do grupo, surge a necessidade de elevar o seu nível. Entendem as lideranças que isso pode contribuir para criar condições de ampliar a competência e autonomia dos sujeitos trabalhadores, enquanto capacidade de um fazer pensado, consciente. No trabalho da Associação os saberes necessários são os da compreensão do fluxo e destino correto dos materiais, bem como do conjunto de relações internas e externas à associação. E nesse sentido, somado ao processo de formação interno, a maior escolarização

– especialmente dos associados e associadas que se encontram em um nível mais baixo – poderá ser um fator dinâmico em vista de uma formação integral, para além dos saberes necessários na rotina cotidiana do trabalho de reciclagem.

Conclusão

O trabalho com materiais recicláveis na experiência da Associação dos Recicladores apresenta-se como porta de entrada e saída. Para os recicladores e recicladoras, o trabalho significou uma imersão na problemática do meio ambiente e uma inserção no vasto campo da educação ambiental e da economia solidária. Através de uma organização alternativa, construiu, sobretudo, um espaço solidário de trabalho associado que oportuniza a vivência de saberes emancipadores que extrapolam o ambiente da Associação e do município. A participação em espaços externos trouxe mudanças para o grupo, ao mesmo tempo em que a Usina de Reciclagem tornou-se um espaço aprendente sobre a questão ambiental. O trabalho favoreceu a muitos aprendizados para os recicladores e recicladoras. Mesmo num contexto desfavorável, no que tange à luta pela sobrevivência do empreendimento dentro das regras excludentes do mercado capitalista, a Associação firmou-se no trabalho associado, com as pessoas se realizando, gostando da atividade que fazem. E, nesse processo, elas se tornaram multiplicadoras individuais e coletivas em múltiplas iniciativas que abrem a possibilidade de Dois Irmãos tornar-se uma *cidade educadora*.

O presente texto possibilitou a sistematização e a reflexão sobre a prática. Entendemos que a ampliação dessa capacidade de reflexão será fundamental para concretizar a possibilidade de trilhar por caminhos emancipadores. Em vista disso, o grupo dos trabalhadores e trabalha-

doras precisa ampliar a compreensão do projeto político da Associação. Constatamos que há pessoas ainda limitadas nessa compreensão, que não têm clareza. Por isso, ainda não assumem seu protagonismo. Ficam dependentes. Daí a importância da contribuição efetiva dos membros que já tiveram uma maior oportunidade de compreender e incorporar ao projeto da Associação. Esses têm sido e poderão continuar sendo educadores e educadoras junto a seus/suas colegas, através de uma prática de envolvimento, participação e formação democrática.

Referências

- ADAMS, T. 2005. *Vivendo e reciclando: Associação dos Recicladores de Dois Irmãos ajudando a preservar a natureza*. São Leopoldo, Oikos, 88 p.
- BOFF, L. 1999. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 200 p.
- CABEZUDO, A. 2004. *Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais*. In: M. GADOTTI; P.R. PADILHA e A. CABEZUDO (orgs.), *Cidade Educadora: princípios e experiências*. São Paulo, Cortez, p. 11-14.
- FISCHER, M.C.B. 2004. Notas sobre saberes da experiência e a constituição de empreendimentos econômicos solidários. *Ciências Sociais Unisinos*, 40(164):139-151.
- FISCHER, M.C.B. e ZIEBELL, C.R. 2004. Saberes da experiência e o protagonismo das mulheres: construindo e desconstruindo relações entre esferas da produção e da reprodução. In: I. PICANÇO e L. TIRIBA (orgs.), *Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária*. Aparecida, Idéias & Letras, p. 55-74.
- FREIRE, P. 1976. *Educação como prática da liberdade*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 150 p.
- FREIRE, P. 1996. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 148 p.
- GUTIÉRREZ, F. 1999. Alcances educativos do “fator C”. In: M. GADOTTI e F. GUTIÉRREZ (orgs.), *Educação comunitária e economia popular*. 2ª ed., São Paulo, Cortez, p. 98-116.
- KUENZER, A.Z. 1995. *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador*. 4ª ed., São Paulo, Cortez, 195 p.
- MICELI, S. 1992. Introdução: A força do sentido. In: P. BOURDIEU, *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, p. VII-LXI.
- RAZETO, L. 1999. Economia de solidariedade e organização popular. In: M. GADOTTI e F. GUTIÉRREZ (orgs.), *Educação comunitária e economia popular*. 2ª ed., São Paulo, Cortez, p. 34-58.
- SINGER, P. 2002. *Introdução à economia solidária*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 128 p.
- TIRIBA, L. 2004. Ciência econômica e saber popular: reivindicar o “popular” na economia e na educação. In: I. PICANÇO e L. TIRIBA (orgs.), *Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária*. Aparecida, Idéias & Letras, p. 75-101.
- TIRIBA, L. 2006. Entrevista. *IHU Online*, 5(173):65-67.
- VENDRAMINI, C.R. 2004. Experiência humana e coletividade em Thompson. *Esboços*, 12:25-36.

Submetido em: 02/08/2006

Aceito em: 11/08/2006

Telmo Adams
Unisinos, RS, Brasil
Roque Spies
Associação dos Recicladores de Dois Irmãos, RS, Brasil
Maria Odete Faustino Spies
Associação dos Recicladores de Dois Irmãos, RS, Brasil
Jair José Gromoski
Associação dos Recicladores de Dois Irmãos, RS, Brasil